Um título para leitores de dois continentes. A imprensa periódica portuguesa na segunda metade do século XIX

Isilda Braga da Costa Monteiro • Fernanda Paula Sousa Maia
CEPESE

OS ESTUDOS DE JOSÉ TENGARRINHA sobre a imprensa periódica em Portugal demonstraram, cabalmente, de que forma o século XIX constituiu um marco relevante no desenvolvimento da imprensa periódica portuguesa, na esteira do que acontecia nos restantes países europeus marcados pela revolução industrial do vapor. Para além disso, aquele autor pôde concluir como, também neste aspeto, o período designado, na história portuguesa, por Regeneração – geralmente considerado cronologicamente como coincidente com grande parte da segunda metade de Oitocentos – constituiu um ponto de viragem relativamente à publicação de jornais em Portugal. Na verdade, beneficiando de uma legislação cada vez mais favorável, quer ao nível da propriedade literária, quer ao nível da liberdade de imprensa ou dos privilégios concedidos aos jornais, foi possível abrir-se, no território português, um período de grande "florescimento do jornalismo" que só terminaria com a legislação restritiva pós-*Ultimatum*.[1] Com efeito, o fenómeno espoletado pela exigência britânica, corporizada através de um *Ultimatum* enviado a Portugal a 11 de Janeiro de 1890 – pela qual aquela potência impunha a retirada das forças militares portuguesas do território localizado no interior de África, entre as colónias de Angola e de Moçambique, então integradas no Império lusitano –, acabaria por gerar uma posição de reforço da fiscalização e de retraimento por parte do governo, o que conduziu a um maior controlo da imprensa periódica.

Entre 1851 e 1890, ou seja, no período habitualmente considerado como Regeneração, o número de jornais então criados atesta a afirmação de Tengarrinha, segundo a qual, nessa época, se teria vivido um verdadeiro "florescimento do jornalismo" em Portugal, estimulado pela própria evolução técnica que criou as condições para tornar este crescimento sustentável. A diversificação de interesses associados à publicação periódica permitiu a proliferação de títulos especializados, muitos deles marcados por uma elevada qualidade literária dos seus artigos e colaboradores. Por outro lado, paralelamente, e apesar dos elevados níveis de analfabetismo em Portugal, foi possível assistir-se ao crescente

1 TENGARRINHA, José. *História da Imprensa Periódica Portuguesa.* 2ª ed. rev. e aum. Lisboa: Ed. Caminho, 1989, p. 184.

alargamento de um público leitor interessado que, através da fidelização pela assinatura do jornal ou da revista, estava disposto a sustentar financeiramente a sua publicação.

A análise mais pormenorizada deste panorama permite-nos, ainda, detetar a existência de algumas regularidades. Por um lado, é possível verificar-se um elevado centralismo ao nível do local de publicação dos títulos. Na verdade, durante esta época, a imprensa periódica escolheu preferencialmente Lisboa e em segundo lugar o Porto, para sedear a fundação e o local de edição. Segundo a pesquisa de José Tengarrinha, apenas no último quartel de Oitocentos, é que a imprensa periódica deixaria de estar tão centrada na capital – Lisboa – e na segunda cidade do país – Porto –, para se disseminar um pouco por todo o território nacional,[2] refletindo uma realidade que se verificava em muitas outras dimensões. Convém sublinhar que, ao longo deste período, as localidades se afirmavam também pelo(s) seu(s) órgãos de imprensa escrita, que defendiam os seus valores e que projetavam as grandes questões locais. Ligados geralmente a determinados grupos sociais e até políticos mais proeminentes, estes jornais erguiam sempre os interesses das populações que serviam como a sua bandeira. O prestígio de uma localidade, então, media-se não apenas pela capacidade de possuir um jornal, como muitas vezes, pelo número de títulos que publicava. E para cada um deles existia também um público diferenciado que importava manter e fidelizar. Para os seus leitores, adquirir estas publicações era, de certo modo, acompanhar mais de perto o que acontecia na sua região, mas também poder participar da própria notícia e/ou encontrar alguma visibilidade pessoal, familiar, profissional ou grupal. O jornal local 'falava-lhes' de pessoas que eles conheciam, de situações que lhe eram familiares, não esquecendo também de se fazer simultaneamente eco da política nacional.

O nosso longo contacto com a imprensa periódica oitocentista, sobretudo publicada no Norte do país, permite-nos perceber que um dos temas quase sempre presentes nas folhas destes jornais era a emigração para o Brasil, quer na dimensão local das partidas, com frequência registadas nominalmente, sempre que se tratava de alguém socialmente bem colocado, quer através da divulgação de notícias relativas a esse país, no que respeitava, por exemplo, à legislação sobre imigração, às condições de vida em geral, ou testemunhando casos particulares de sucesso ou, menos frequentemente, de insucesso. Estes jornais serviam também para fazer a divulgação de anúncios, particulares ou oficiais, destinados à publicitação de empresas de navegação, de agentes locais que tratavam dos passaportes e de toda a documentação necessária ao embarque, e mesmo de vendas de património particular com o objetivo de angariar o dinheiro necessário para a viagem e instalação em terras brasileiras. Ao mesmo tempo, é também possível registar a publicação de anúncios que, tendo origem no Brasil, procuravam encontrar o rasto a familiares de emigrantes aí falecidos, para se poderem habilitar como herdeiros. Não raramente, nas páginas destes jornais, é possível lerem-se cartas enviadas pelos próprios emigrantes assinantes desses títulos, cujo teor procura, na sua grande maioria, dissuadir os seus conterrâneos de um eventual desejo de atravessar o mar em busca de melhores condições de vida.

Apesar de se tratar de uma imprensa generalista, que não incorpora no título ou subtítulo, qualquer referência ao Brasil, é um facto que, entre os seus leitores e assinantes, se encontram também

2 *Ibidem*, p. 186.

portugueses emigrados naquele país. Certamente por isso, é frequente encontrarem-se referências, nas páginas destes jornais, a pessoas e locais nas principais cidades brasileiras onde era possível proceder ao pagamento das assinaturas e até enviar correspondência dirigida ao jornal e destinada a ser publicada como carta aberta. Os jornais portugueses, especialmente os oriundos das terras de partida, eram o elo de ligação mais forte e regular, numa época em que os meios de comunicação eram difíceis e morosos, acentuando as distâncias. Não podemos deixar de sublinhar, por outro lado, o quanto estes assinantes do outro lado do Atlântico foram essenciais para a manutenção financeira de muitos desses títulos. A análise destes aspetos foi já desenvolvida em vários trabalhos, entre os quais nos permitimos destacar pelo pioneirismo, os de Jorge Alves e de J. Costa Leite.[3]

Para além destas questões, evidenciando a importância do mercado brasileiro, importa salientar alguns aspetos de índole legal e financeira. Na verdade, a distribuição dos títulos pelos leitores portugueses e brasileiros dependia em grande parte de um fator, os portes de correio, que encareciam substancialmente o preço da sua aquisição fora do local onde eram editados. Não é por acaso que em 1846, a Liga ou Associação Promotora dos Melhoramentos da Imprensa analisou esta questão, propondo a suspensão dos portes do correio a todas as espécies de publicações periódicas e a negociação de convenções postais com o Brasil, entre outros países, de forma a uniformizar os valores.[4] Dois anos depois, pela lei de 1 de julho de 1848 isentar-se-iam de porte as publicações literárias, reduzindo-se também as de índole política, o que, porém, não acabou completamente com esta dificuldade.

No entanto, as várias inovações industriais aplicadas à imprensa periódica bem como o próprio desenvolvimento social, económico e cultural só deram plenamente os seus frutos após o último quarto do século XIX, permitindo aumentar tiragens sem acrescentar custos, o que redundaria numa diminuição do preço de cada número e numa mudança de perfil de alguns títulos que se tornariam cada vez mais de gosto popular.[5] Esta nova dinâmica permitiria configurar um novo jornal de caráter cada vez mais noticioso, capaz de conquistar novos públicos, ou seja, mais compradores de títulos, expandindo um negócio até aí bastante elitista. Nesta expansão, têm grande importância novas iniciativa comerciais, que permitiram acrescentar às velhas assinaturas, a venda direta, através da abertura de escritórios e agências bem como a própria venda ambulante, o que não apenas permitiu uma maior e melhor distribuição dos títulos por todo o território nacional, como também possibilitou atravessar, mais facilmente, o Atlântico e consolidar o número de leitores no Brasil.

Ora, na nossa pesquisa acerca da emigração portuguesa para o Brasil, a imprensa periódica tem sido uma das fontes documentais primordiais.[6] Conscientes das suas limitações, como acontece, aliás, com quaisquer outros documentos, elas têm-nos permitido aceder a informações privilegiadas

ALVES, Jorge. *Os brasileiros: emigração e retorno no Porto oitocentista.* Porto: ed. do autor, 1994; LEITE, Joaquim da Costa. *Portugal and emigration, 1855-1914.* Tese (doutorado) – Columbia University, Nova York, 1994.

4 TENGARRINHA, José. *Op. cit.*, p. 195-6.

Ibidem, p. 213-215.

6 Consultar a este propósito a listagem bibliográfica no final deste artigo.

e únicas, nomeadamente em termos sociológicos. Na verdade, através da leitura dos jornais tivemos já oportunidade de reconstituir percursos emigratórios de retorno, avaliar as diferentes visões acerca da emigração para o Brasil e até perceber de que forma a economia do quotidiano quantas vezes se alicerçava numa estreita relação com esse país. Como já tivemos oportunidade de referir, na segunda metade do século XIX, para onde quer que olhemos em Portugal, o Brasil está sempre presente nos diferentes conteúdos abordados jornalisticamente, confirmando, aliás, o que Jorge Alves já tinha chamado, em várias ocasiões, a atenção.[7]

A centralidade dos conteúdos relativos ao Brasil na imprensa generalista bem como a existência de um público leitor nesse país acabaria por criar as condições para o aparecimento de um novo segmento de publicação periódica em Portugal, na segunda metade de Oitocentos – os jornais que, sendo portugueses, incorporam no seu título ou subtítulo a referência ao Brasil ou ao continente americano. Como já referira Jorge Alves, esta imprensa periódica, apesar de ser publicada em Portugal, visava atingir leitores também do outro lado do Atlântico, aproveitando um mercado potencialmente alargado pela emigração que, na segunda metade de Oitocentos, aumentarasignificativamente. O estudo desenvolvido sob sua orientação em torno do jornal *A América – Orgão ante os poderes públicos de Portugal dos interesses portugueses no Brasil e no Rio da Prata* (1868-1871) veio confirmar isso mesmo,[8] ou seja, tratava-se de uma publicação que pretendia atingir dois públicos, em dois continentes, fornecendo a informação noticiosa necessária a uma atualização quotidiana que permitisse pôr ao corrente os leitores sobre o que se passava em cada um dos lados do Atlântico.

Como vemos, ampliava-se substancialmente o alcance, a dimensão e a projeção destes jornais, obrigando-os a deixar a sua implantação local para ganhar uma outra grandeza, estabelecendo pontes entre dois continentes, ligados pela partilha de uma comunidade de origem comum constituída pelos emigrantes portugueses no Brasil e pelos seus conterrâneos nas terras de origem.

Com efeito, ao longo do século XIX, especialmente na segunda metade, deparam-se-nos cabeçalhos da imprensa periódica que, no título ou no subtítulo, referem expressamente a palavra Brasil. Mostrando uma inequívoca intenção de raiz por parte dos editores, parece-nos importante avaliar, não apenas a dimensão do fenómeno, como sobretudo o desígnio em que assentava tal decisão. Esta questão surge-nos tanto mais imperiosa quanto, hoje, os historiadores dos dois lados do Atlântico apresentam justificações diversas para a mesma realidade. Se para os pesquisadores brasileiros este fenómeno tem sido predominantemente entendido como uma nova forma de colonialismo, para os historiadores portugueses surgem interpretações diversas, nomeadamente aquela que aponta para a grande importância e dimensão da comunidade portuguesa em território brasileiro, como a principal justificação para o aparecimento desse tipo de imprensa. Perante esta dissonância, e reconhecendo que se têm privilegiado, nos dois países, os estudos de caso, perdendo-se a visão global que

7 Veja-se não apenas a tese de doutoramento, mas também, por exemplo, do mesmo autor, o artigo publicado em *Portugal e Brasil – Encontros, desencontros, reencontros* (Cascais: Câmara Municipal, VII Cursos Internacionais, 2001, p. 113-128).

8 CAVACO, Susana. *A América (1868-1871) – um caso de publicismo ao serviço das relações luso-brasileiras*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Porto, 2000.

uma análise de conjunto traria, propomo-nos avaliar, neste trabalho, a partir da leitura dos editoriais dos primeiros números dos jornais, por nós previamente inventariados, as intenções subjacentes ao aparecimento dos diferentes títulos. Quando estes elementos não existem, socorremo-nos de outras referências que nos ajudem ao esclarecimento dessas questões.

Partimos, assim, do fundo da hemeroteca da Biblioteca Nacional de Lisboa, a que juntamos o fundo da Biblioteca Pública Municipal do Porto e, ainda, o acervo de jornais digitalizados pertencente à Biblioteca da Universidade de Coimbra. Em seguida, selecionamos os periódicos que, sendo publicados entre 1850 e 1900, tivessem no título e/ou subtítulo a indicação expressa das palavras *América*, *Brasil*, *Luso-Brasileiro* ou *Dois Mundos*.

Em seguida, criamos uma base de dados com a indicação das variáveis a analisar, a saber, ano de publicação, duração, periodicidade, local de publicação, referência ao diretor e/ou proprietário e/ou redator. Partimos, então, para a leitura dos editoriais publicados nos primeiros números de edição, quando tal se verificava.

Desta análise, procuramos identificar aspetos como o público-alvo em nome do qual o periódico se publicava, as necessidades que os seus editores pretendiam colmatar, bem como o tipo de notícias que pretendiam veicular. Em última análise pretendeu-se perceber porque é que, numa altura em que a travessia do oceano era ainda tão complicada, morosa e dispendiosa, havia quem investisse numa área dificilmente produtiva, como era o jornalismo, que além de onerosa e elitista, era fortemente dependente de um público letrado e com dinheiro. Numa época em que a publicidade não permitia ainda suportar completamente os custos, e em que a manutenção do título dependia essencialmente do número de compradores por assinatura, impõe-se colocar outras hipóteses que justifiquem este investimento, para além das que têm sido apresentadas. E é então que nos surgem explicações de outro teor, como a auto-promoção literária feita por intelectuais portugueses desejosos de conquistar novos públicos, a constatação de que a milhares de quilómetros existia uma comunidade portuguesaendinheirada capaz de suportar as assinaturas e a quem importava manter acesa a ligação à sua terra natal, quer por questões materiais quer por razões emocionais.

Neste desígnio, o aparecimento deste tipo de títulos, não evidencia apenas a filantropia social, fortalecendo um vínculo à terra de origem, mas também o reconhecimento do papel essencial que estes emigrantes com fortuna desempenhavam na economia portuguesa. Não esqueçamos que os níveis de retorno destes emigrantes mais afortunados se mantinham elevados e que, por isso, o investimento nas terras que os viram nascer foi sempre uma constante nos diversos setores económicos. Para esta franja da sociedade brasileira, o conhecimento da realidade portuguesa e o acompanhamento das notícias políticas, económicas e sociais era vital, não apenas por questões emocionais, mas sobretudo para a gestão do seu património à distância e até para uma possível oportunidade de negócio.

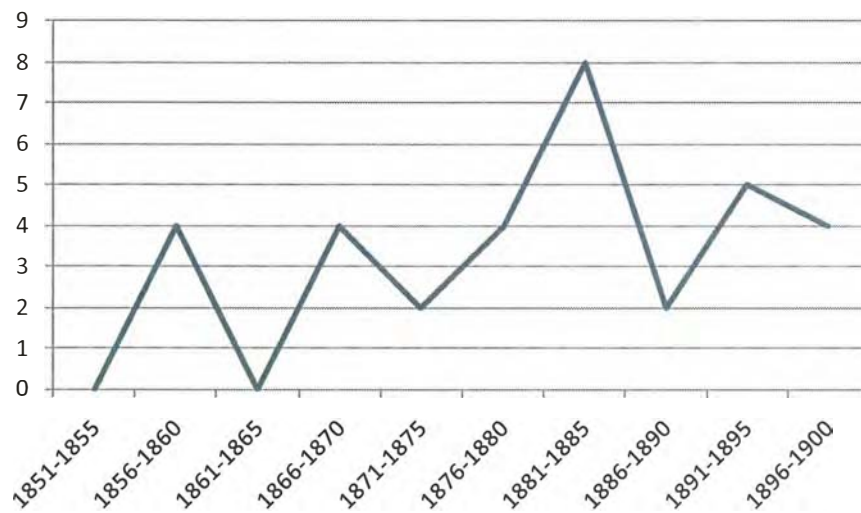
Do mesmo modo, para os emigrantes de retorno que, depois de terem enriquecido em terras brasileiras haviam regressado a Portugal, estes jornais eram não apenas um vínculo sentimental a um passado intensamente vivido, como permitia acompanhar à distância a evolução política, económica

e social de um país que embora longínquo, era também o local onde tinham, muitas vezes, deixado bens, familiares e amigos.

Nesse sentido, apuramos a existência de cerca de três dezenas de títulos que contemplavam as condições atrás enunciadas, ou seja, eram títulos publicados em Portugal durante a segunda metade de Oitocentos que tinham no título e/ou subtítulo a indicação expressa das palavras *América*, *Brasil*, *Luso-Brasileiro* ou *Dois Mundos*. Veja-se, a este propósito, a listagem de títulos que segue no final deste trabalho.

Para melhor se perceber a evolução da publicação destes títulos ao longo deste período, deixamos aos leitores a tabela que se segue.

GRÁFICO 1. Evolução da publicação de títulos, entre 1850 e 1900



Conforme o esperado, neste tipo de publicação periódica dirigida a um mercado específico, a esmagadora maioria dos títulos era publicada em Lisboa. O Porto surgia, logo, em segundo lugar, embora no conjunto subsista uma parte significativa de jornais que não apresenta o local de publicação. Curiosamente, regista-se a existência de dois títulos publicados em Paris, embora redigidos em português – *A correspondência de França: Jornal luso-brasileiro*[9] e *A Ilustração: revista quinzenal para Portugal e Brasil*[10] – que justificam o facto de serem publicados fora de território português por questões técnicas. Este caso é expressamente mencionado no último dos títulos – *A Ilustração: revista quinzenal para Portugal e Brasil* – que no seu primeiro número salienta que:

9 Paris, 1875, da responsabilidade de Léon Pigeonneau. Apenas se encontrou o número 1, de 19 dez. 1875.

10 Paris, 1884 [quinzenal]. Dirigido por Mariano Pina. N º1 – 5 maio 1884 a nº 184 – 1º jan. 1892.

> Jornais ilustrados têm-nos havido, há-os ainda, e todos os dias se criam outros novos. Mas em Portugal e Brasil os processos de gravura não se acham ainda a par do que se faz especialmente em Paris e Londres, e o jornal, portanto, para ser bem feito, para ser em tudo igual aos grandes jornais como o *Monde Illustré*, a *Illustration*, o *Graphic* ou o *Illustrated London News*, tem de ser feito no centro da Europa. Faltam os elementos em Lisboa e faltam os elementos no Rio de Janeiro.[11]

Por outro lado, nos editoriais analisados pode-se concluir que alguns dos homens que estavam na direção destes títulos haviam já passado pelo Brasil e conheciam bem as potencialidades deste território, nomeadamente a comunidade aí emigrada proveniente de Portugal, bem como as suas necessidades. Isso mesmo aconteceu, por exemplo, com os responsáveis do quinzenário ilustrado intitulado *Jornal do Brasil*, Jaime Victor e o visconde de S. Boaventura que, no primeiro número desta publicação aproveitam para esclarecer que "conhecemos o Brasil porque já por lá andamos e porque, através da sua imprensa lidamos com ele, todos os dias, há muitos anos".[12] Ou seja, como percebemos a opção por este tipo de publicação, direcionada a um público português de um e outro lado do oceano, era uma decisão fundamentada, muitas vezes, nas vivências e experiências pessoais e resultava de um prévio conhecimento do terreno. Era, por isso, em parte, um investimento calculado, com alguns riscos, mas cujo retorno parecia mais ou menos garantido. O sucesso dependia deles, escritores e redatores dessas folhas, a quem competia 'agarrar' os leitores com temas apelativos e que fossem ao encontro de uma grande diversidade de interesses. Não admira, portanto, que entre os vários títulos seja possível perceber uma grande variedade, não apenas ao nível da tipologia, como também do estilo literário e das temáticas abordadas. Havia que responder a um leque diversificado de leitores, embora unidos por uma mesma origem.

Na realidade, da análise destes periódicos torna-se claro que, na sua essência, eles não se dirigiam aos cidadãos brasileiros *tout court*, mas aos portugueses que emigraram para o Brasil e seus descendentes. Leia-se o que escrevia o *Jornal do Brasil*, no seu primeiro número, publicado em 1897, ao explicar que destinando-se "ao Brasil – e nesta palavra conglobamos quantos lá nasceram e quantos lá vivem, tendo nascido cá [Portugal] – vamos procurar ser-lhes agradáveis e úteis".

Do mesmo modo, o *Echo de Portugal e Brazil – Jornal Noticioso, Industrial, Commercial e Agricola*, no seu número de abertura, publicado em 1 de janeiro de 1879, sublinhava sem hesitação que

> A colónia portuguesa do Brasil terá neste jornal um órgão que advogue os seus interesses; e a todos os assuntos que direta ou indiretamente, digam respeito às relações entre os dois países será dada a mais importante atenção.

Por sua vez, *O Correio da Europa. Revista mensal não política, essencialmente noticiosa para as provincias ultramarinas e Brazil*, afirmava perentoriamente, na sua apresentação de 31 maio 1857 que

11 *A Ilustração*: revista quinzenal para Portugal e Brasil.

12 *Jornal do Brasil*, Lisboa, ano 1, nº 1, 27 dez. de 1897, p. 1.

> é facto verificado e incontroverso que os portugueses residentes na América do Sul se acham, a tão considerável distância da pátria, mais ao alcance dos interesses que nela se agitam, do que porventura o estão muitos de seus concidadãos no próprio país. No Brasil, sabe-se regularmente daqui o que mais convém. Correspondentes imparciais, pela maior parte, lhe liquidam, por cada paquete, sem intenção apaixonada, nem espírito partidário, o que vale a pena de ser transmitido.

Como vemos, há todo um pragmatismo associado à publicação periódica destinada ao Brasil. Longe dos ideais colonizadores que se podem pressupor, o público a que no Brasil se destinavam estes títulos, eram afinal bem portugueses. Assim se entende o aparecimento de títulos que evidenciam claramente esta intenção, como o *Notícias de Portugal: folha dedicada aos portugueses residentes no Brasil* (Lisboa, 1888) ou, então, *Portugal e Brasil: órgão da colónia brasileira em Portugal* (número-programa 1895). Sublinhe-se desde já que esta designação – colónia brasileira – não se reporta aos naturais do Brasil e portadores de um passaporte emitido por esse país. Na verdade, neste período em Portugal, eram chamados de 'brasileiros' todos os emigrantes de sucesso que, vindos do Brasil, regressavam à sua terra natal, definitivamente ou não. Para este público tão especial, o que interessava era manter viva a ligação ao país que tinha deixado, mas também pondo-o ao corrente de oportunidades comerciais e financeiras que aqui pudessem existir para um investimento futuro. Assim se percebe o aparecimento de títulos especializados, como o *Eco de Portugal e Brasil: Jornal noticioso, industrial, comercial e agrícola* (1879) ou então *O Importador de Portugal e do Brasil: jornal mensal do comércio estrangeiro* (1883). Do mesmo modo, no *Echo do Brazil* se clarifica bem esta intenção, ao afirmar-se que

> tencionávamos dedicá-lo quási exclusivamente a aspetos, notícias e movimentos comerciais daquele império. Mais tarde resolvemos ampliar muito o seu programa, e conservando aquela especialidade, torná-lo um jornal comercial, dando grande desenvolvimento às ações úteis e necessárias ao comércio daquém e dalém mar.

Nesse sentido, este jornal mantém-se estranho à política militante, afirmando os seus responsáveis no número de abertura, que, por isso, "será um jornal puramente comercial, industrial e noticioso". Atento às necessidades deste público, este periódico assume-se como "essencialmente comercial", asseverando que em conformidade

> prestará a mais detida atenção às secções que interessam ao comércio, dando-lhes o maior desenvolvimento possível, e tendo o máximo escrúpulo, para que, particularmente, as cotações e revistas financeiras, preços correntes e movimento de mercados, nacionais e estrangeiros, sejam a expressão da verdade, e possa haver neles a confiança precisa para tornar o jornal útil e necessário ao comércio em geral.

É de sublinhar que o aumento do número de títulos publicados na segunda metade do século XIX, de certa forma acompanha a evolução da emigração portuguesa para o Brasil, confirmando a hipótese por nós previamente colocada. Veja-se a tabela que segue:

TABELA 1. A emigração portuguesa para o Brasil (1876-1974)

Ano	EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL		Total da emigração portuguesa
	Valores absolutos	% da emigração do total	
1876	------	------	11.035
1877	------	------	11.057
1878	------	------	9.926
1879	------	------	13.211
1880	(10.751)	85,3	12.597
1881	(12.553)	85,8	14.637
1882	(15.595)	85,3	18.272
1883	(15.708)	81,6	19.251
1884	(13.502)	77,1	17.518
1885	(10.431)	69,5	15.004
1886	(11.474)	82,0	13.998
1887	(13.952)	82,1	16.992
1888	(20.198)	84,2	23.981
1889	(16.108)	78,1	20.614
1890	(23.793)	80,9	29.427
1891	(27.856)	82,9	33.585
1892	17.321	82,2	21.074
1893	(25.370)	83,5	30.383
1894	(24.056)	83,0	28.993
1895	(37.158)	83,8	44.350
1896	(23.047)	83,3	27.680
1897	(17.213)	80,6	21.344
1898	(18.870)	79,9	23.604
1899	(13.958)	78,5	17.774
1900	14.493	68,3	21.235

Fonte: SOUSA, Fernando de; MONTEIRO, Isilda. "A emigração portuguesa e italiana para o Brasil – uma análise comparativa (1876-1974)". In: SOUSA, Fernando de *et al* (coord.). *Um passaporte para a terra prometida*. Porto: CEPESE, 2011, p. 531.

Para além deste aspeto, importa também destacar um outro tipo de publicação periódica que encontra na comunhão linguística uma oportunidade de negócio, aspirando a um novo e amplo mercado consumidor. É o caso d' *A Illustração Luso-Brasileira* que afirma sem hesitação que "a língua portuguesa não é das que mais tem por que se doa da circunscrição. A brasileira, que não é outra, pode atravessar afoita para o velho mundo, que tem segura hospitalidade de amigos",[13] ou seja, a partilha da língua não como instrumento colonizador, mas como alicerce para um desenvolvimento da iniciativa editorial e cultural paralelo e recíproco. O mercado consumidor brasileiro, falando a mesma língua, aparece aqui como uma oportunidade de expandir o mercado consumidor editorial.

Não longe desta intenção, a publicação mensal da responsabilidade redatorial de António Feliciano de Castilho e Luís Filipe Leite intitulada *Revista da Instrução Pública Para... Portugal e Brazil*, afirmava, no seu número de apresentação, datada de 1 de julho de 1857, sem margem para dúvidas que

> entre nós, portugueses e brasileiros, se confere com amor e franqueza de irmãos, que, nem aquém, nem além-mar se possui ainda educação nacional organizada segundo as mais recentes revelações da ciência, e conforme as nossas peculiares necessidades e conveniências,

por isso, os redatores propõem-se "pesar na balança do senso comum à luz da ciência atual, o que existe, bom ou mau, ótimo ou péssimo nas duas legislações; inquirir o que falta e devia existir" e só então "examinar com a mesma consciência o que se faz, e o que se tem feito *nos países onde mais adiantada se acha a organização da instrução pública*, considerada quer administrativamente, quer nos seus pormenores pedagógicos e didáticos". Aqui não se pretende colonizar, sobrepor o modelo português ao do Brasil, mas tão-só, beneficiando da comunhão linguística visar nesta publicação destinada aos dois povos "o aperfeiçoamento, ou antes radical reforma da instrução pública, em cada um dos dois países" [itálico nosso].

As conclusões deste estudo, que se encontra numa fase ainda inicial, parecem apontar para algumas ideias que, apesar disso, apresentam já alguma consistência. Como pudemos perceber, a imprensa periódica em Portugal, desde cedo, viu a comunidade portuguesa emigrada no Brasil como um mercado de potenciais leitores. Assim se entende que, a partir do início da segunda metade de Oitocentos, e um pouco à imagem do que aconteceu com outros países europeus, tenha surgido uma nova tipologia de jornais mais ambiciosos, expressando inequivocamente no título o alvo que pretendiam atingir – os portugueses no Brasil.

13 A *Illustração Luso-Brasileira. Jornal universal.* Lisboa: Typ. de A. J. F. Lopes, 1856. Nº 1 – 5 jan. 1856, p. 3.

Listagem dos títulos inventariados

1. *Almanach de lembranças luso-brazileiro*, 1864
2. *A América: órgão, ante os poderes públicos de Portugal, dos interesses portugueses no Brasil e no Rio de Prata*. Lisboa: Tip. Universal. 1868.
   Vol. 1, nº 1, jan. 1868 – vol. 3, nº 9, set. 1871.
3. *A Bandeira Portuguesa: diário dedicado aos interesses de Portugal, África e da nossa colónia do Brasil*. Lisboa, 1884.
   Proprietário e diretor: Brito Monteiro.
   Ano 1, nº 1, 3 jul. 1884 – 15 jun. 1890.
4. *O Brasil*. Lisboa, 1871. Redator: António Castilho.
   Nº 1, 25 ago. 1871 – nº 204, 15 out. 1877.
5. *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*. Lisboa, 1899.
   Diretor: Augusto de Castilho; Jaime Victor e Lorjó Tavares.
   Nº 1, 1º fev. 1899 – nº 374, 16 ago. 1914.
6. *O Correio da Europa: revista mensal não política, essencialmente noticiosa para as províncias ultramarinas e Brasil*.
   Redator: Carlos José Caldeira e Luís Filipe Leite.
   Nº 1, 3 maio 1857 – nº 18, 1º fev. 1859.
7. *Correio do Brasil: suplemento da Gazeta de Portugal*. Lisboa, 1888.
   Diretor: Higino Mendonça.
   Nº 1, 24 nov. 1888 – nº 18, 27 mar. 1889.
8. *Correio do Brasil*. Lisboa, 1882.
   Proprietário e redator: Oliveira Lima.
9. *Correio dos Dois Mundos: semanário politico, noticioso e recreativo*. 1867.
   Redator: J. L. da Silva Viana e Francisco T. Valdez.
   Nº 17, nov. 1867 – nº 40, 14 fev. 1769.
10. *A correspondência de França: Jornal luso-brasileiro*. Paris, 1875.
    Léon Pigeonneau.
    Nº 1, 19 dez. 1875.
11. *Os Dois Mundos: ilustração para Portugal e Brasil*. Lisboa, 1877.
    Proprietário e diretor Salamão Saragga.
    Nº 1, 31 ago. 1877 – nº 36 abr. 1881.

12. *O Domingo Católico: publicação mensal da obra da santificação do domingo em Portugal e Brasil*.
Nº 1, fev. 1885 – ano 15, nº 12, dez. 1899.

13. *Eco de Portugal: noticiário para o Brasil*. 1866.
Proprietário e redator: Lopes Cardoso, A. Da Silva Ribeiro e F. F. da Silva Vieira.
Nº 1, 28 abr. 1866 – nº 3, 28 maio 1866.

14. *Eco de Portugal e Brasil: Jornal noticioso, industrial, comercial e agrícola*. 1879.
Redator: Eduardo Guimarães.
Nº 1, 1º jan. 1879 – nº 64, 29 mar. 1879.

15. *A Ilustração: revista quinzenal para Portugal e Brasil*. Paris. 1884
Diretor: Mariano Pina.
Nº 1, 5 maio 1884 – nº 184, 1º jan. 1892.

16. *A Ilustração de Portugal e Brasil: semanário científico, literário e artístico*.
Nº 1, 3 Jan. 1885 – nº 18, 28 Mar. 1885.
Continua em: *Ilustração Ibérica*.

17. *A Ilustração Luso-Brasileira: jornal universal*. Lisboa, 1856.
Nº 1, 5 jan. 1856 – vol. 3, nº 52, 31 dez. 1859.

18. *O Importador de Portugal e do Brasil: jornal mensal do comércio estrangeiro*. 1883.
Proprietário: Henriques, Sons.
Nº 1, 15 jan. 1883.

19. *Jornal do Brasil*. Lisboa,1897.
Proprietário: Mendes & Companhia.
Diretor: Jayme Victor e Visconde de S. Boaventura.
Ano 1, nº 1, 27 dez. 1897 – ano 1, nº 6, 9 mar. 1898

20. *O Luso-Africano: folha quinzenal dedicada às classes burocrática, comercial e industrial de Portugal, África e Brasil*. Lisboa, 1892.
Proprietário: Manuel de Araújo.

21. *O Mundo Ilustrado: revista de Portugal e Brasil*. [Lisboa], 188-
Proprietário: José de Lemos e compª.

22. *O Mundo Musical: jornal das damas portuguesas e brasileiras*.
Diretor literário: Júlio Betâmio de Almeida.
Nº 1, 15 jun. 1893 – nº 24, 17 jun. 1894.

23. *Notícias de Portugal: folha destinada ao império do Brasil*. 1878.
Prop. Cândido Sarsfiel e João de Mendonça.
Nº 1, 28 ago. 1878.

24. *Notícias de Portugal: folha dedicada aos portugueses residentes no Brasil*. Lisboa, 1888.

25. *Portugal e Brasil: órgão da colónia brasileira em Portugal*. 1895.
Diretor: Heitor de Macedo.
Nº programa 1895, 4 números não datados.

26. *Portugal e Brasil*. Lisboa, 1898.
Editor responsável: Luís Augusto de Amorim.
Nº 1, 15 nov. 1898 – nº 4, 5 jun. 1899.

27. *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*. Lisboa, 1859.
Nº 1, 1º abr. 1859 – vol. 5, abr. 1864.

28. *Revista da América*. Lisboa, 1876.
Nº 3, 13 abr. 1876 – nº 13, 16 jul. 1876.

29. *Revista de Instrução Pública para Portugal e Brasil*. Lisboa, 1857.
Redator António Feliciano de Castilho e Luís Filipe Leite.
Nº 1, 1º jul. 1857 – nº 8, 1 abr. 1858.

30. *Revista de Portugal e Brasil*. Lisboa, 1873.
Diretor: Luciano Cordeiro e Rodrigo Afonso Pequita.
Nº 1, out. 1873 – nº 12, set. 1874.

31. *O Século: ed. seminal do jornal o Século para o Brasil e para as colónias*.1899
Nº 1, 10 abr. 1899 – nº 549, 27 dez. 1909.

Bibliografia

ALVES, Jorge. *Os brasileiros: emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: ed. do autor, 1994.

ALVES, Jorge. "Terra de Esperanças – O Brasil na emigração portuguesa". In: *Portugal e Brasil – Encontros, desencontros, reencontros*. Cascais: Câmara Municipal, VII Cursos Internacionais, 2001, p. 113-128.

CAVACO, Susana. *A América (1868-1871) – um caso de publicismo ao serviço das relações luso-brasileiras*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Porto, 2000.

LEITE, Joaquim da Costa. *Portugal and emigration, 1855-1914*. Tese (doutorado) – Columbia University, Nova York, 1994.

MAIA, Fernanda Paula. "Cruzar o mar, ganhar o pão, cumprir o sonho – Catálogo". In: PORTUGAL, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. *Os Brasileiros de Torna-Viagem*. Lisboa: C.N.C.D.P., 2000, p. 183-191.

_____. "Porto de chegada, Porto de partida: pontes demográficas com o Brasil". In: *A Universidade Portucalense e a cidade: 15 anos de Ensino Superior no Porto*. Porto: Universidade Portucalense, 2001, p. 57-64.

_____. "Os 'brasileiros' de Torna-Viagem e as Relações Portugal-Brasil na década de 1930 – estudo de caso". In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Isménia; MATOS, Izilda (coord.). *Nas duas margens: os portugueses no Brasil*. Porto: Afrontamento; CEPESE, 2009, p. 163-175.

_____. "A acção dos 'brasileiros' de Torna-Viagem em Ovar: a obra dos irmãos Oliveira Lopes (Válega)". *Dunas: Temas & Perspectivas* – Revista Anual Sobre Cultura e Património da Região de Ovar, ano V, nº 5, nov. 2005, p. 3-14.

MAIA, Fernanda Paula; MONTEIRO, Isilda Braga da Costa. "Os 'brasileiros' de torna-viagem como agentes culturais: o caso de Lamego na primeira metade do século XX". *Atas do Seminário Internacional Memórias e Migrações: Museus, História, Educação, Diversidades e Direitos Humanos*. Fafe, 2007. Disponível em: <ttp://www.museu-emigrantes. org/ seminario-comunicacao-f-maia.htm>.

MONTEIRO, Isilda Braga da Costa. "A emigração para o Brasil e a fuga ao recrutamento militar". *População e Sociedade*, Porto: CEPESE, nº 15, 2007, p. 99-114.

_____. "A emigração de Vila Real para o Brasil na primeira metade do séc. XX – realidade e percepções". In: SARGES, Nazaré; SOUSA, Fernando de; MATOS, Izilda *et al* (coord.). *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010, p. 161-173.

_____. "Os passaportes – do enquadramento legal à prática (1855-1926)". In: SOUSA, Fernando de *et al* (coord.). *Um passaporte para a terra prometida*. Porto: CEPESE, 2011, p. 117-135.

_____. "A imprensa regional como fonte para o estudo da emigração para o Brasil – Lamego na primeira metade do século XX". In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Isménia; MATOS, Izilda (coord.). *Nas duas margens: os portugueses no Brasil*. Porto: CEPESE, 2009, p. 329-347.

MONTEIRO, Isilda Braga da Costa; MAIA, Fernanda Paula. "Impactos da emigração portuguesa para o Brasil no Norte de Portugal – finais do século XIX e inícios do XX". In: MEDEIROS, Lená; MATOS, Izilda (coord.). *Imigração urbana: trabalho e sociabilidades* (no prelo).

_____. "Em defesa dos interesses da Senhora Aparecida – os 'brasileiros' e o desenvolvimento local". *Oppidum. Revista de Arqueologia, História e Património*, ano IV (3), Câmara Municipal de Lousada, 2008-2009, p. 195-207.

_____. "Os Brasileiros empresários e investidores – Catálogo". In: PORTUGAL, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. *Os Brasileiros de Torna-Viagem*. Lisboa: C.N.C.D.P., 2000, p. 309-317.

SOUSA, Fernando de; MONTEIRO, Isilda. "A emigração portuguesa e italiana para o Brasil – uma análise comparativa (1876-1974)". In: SOUSA, Fernando de *et al* (coord.). *Um passaporte para a terra prometida*. Porto: CEPESE, 2011, p. 519-533.

TENGARRINHA, José. *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2ª ed. rev. e aum. Lisboa: Ed. Caminho, 1989.